

MÚSICA
DE 20 A 28 FEVEREIRO 2015

Festival RESCALDO

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Produção Culturgest/Trem Azul **Comissário** Travassos

Textos Rui Dâmaso **Ilustração** Travassos **Parceiros de comunicação** Wake Up

De sex 20 a sáb 28 de fevereiro · 21h30 · M6

O festival decorre de 20 a 28 de fevereiro na Culturgest e na Galeria Zé dos Bois

A 8.ª edição do RESCALDO reforça a sua vocação de dar forma e sentido às mais inovadoras e interessantes movimentações da música nacional, levando à Culturgest e à Galeria Zé dos Bois projetos de proveniências geográficas e estéticas múltiplas, celebrando identidades criativas sempre plurais e assinalando cunhos autorais cada vez mais vinculados.

As propostas apresentadas marcam o fortalecimento da presença da região norte do país, com a Nova Orquestra Futurista do Porto a visitar as já centenárias mas ainda desarmantes proposições do futurista Luigi Russolo, as margens do rock representadas via Santo Tirso e Barcelos (pelo *power*-trio Gesso e pelos incomparáveis La La La Ressonance, respetivamente), com especial destaque ainda para a efervescente cidade de Braga, com a presença dos projetos Estilhaços, do expoente máximo bracarense Adolfo Luxúria Canibal e do duo Quest, do cada vez mais omnipresente artista e curador Luís Fernandes e da pianista Joana Gama.

A presença de um número recorde de artistas no feminino é também um dos traços desta edição do festival, que convida Lula Pena, a diva do indizível, a apresentar um espetáculo radicalmente diferente das suas desarmantes canções feitas de voz e guitarra, e mergulha num arquivo de fontes sonoras que tem vindo a construir, ao longo dos anos, como matéria-prima para colagens de formas abertas e livres.

Por ser parte integrante da linha de programação do RESCALDO não

apenas o encontro de estéticas como também de gerações e de progressões colaborativas, destacamos ainda a apresentação da mais recente formação dos seminais Caveira, de volta ao formato trio e com trilhos apontados a uma cada vez mais ampla e inclassificável dinâmica criativa, e do projeto solo do também lisboeta Guilherme Gonçalves, Coclea, que acompanhado por algumas das mais cintilantes figuras da capital assinala mais um lançamento na Shhpuma, editora que prossegue a sua ligação íntima ao festival e continua a dispensar a máxima atenção aos novos talentos da cada vez mais saudavelmente exploratória movida musical do país.

Programa

Sexta, 20 de fevereiro

Pequeno Auditório da Culturgest

Duração: 1h45 com intervalo

Vicente & Marjamaki

Sábado, 21 de fevereiro

Pequeno Auditório da Culturgest

Duração: 1h45 com intervalo

Coclea

Lula Pena

Quinta, 26 de fevereiro

Galeria Zé dos Bois

Duração: 1h45 com intervalo

Gesso

Caveira

Sexta, 27 de fevereiro

Pequeno Auditório da Culturgest

Duração: 1h45 com intervalo

Con Con + Joana Guerra

La La La Ressonance

Sábado, 28 de fevereiro

Pequeno Auditório da Culturgest

Duração: 2h

Joana Gama + Luís Fernandes

Cafeteria da Culturgest

Sumbu Dunia

Pequeno Auditório da Culturgest

Estilhaços

Sexta, 20 de fevereiro

Pequeno Auditório

Duração: 1h45 com intervalo

© Nuno Martins



Vicente & Marjamaki

Trompeta, fliscorne Luís Vicente

Eletrónicas Jari Marjamaki

Alternate Translations, álbum lançado online em 2013 pela *netlabel* nacional Mimi Records, é, seguramente, dos mais bem guardados segredos da produção nacional dos últimos anos. Unindo a trompeta de Luís Vicente, músico que tem vindo, paulatinamente, a mostrar um timbre distintivo por entre a extrema versatilidade dos seus múltiplos projetos (a improvisação conduzida dos Open Mind Ensemble, o *free jazz* do quarteto Clocks & Clouds, a livre improvisação não-idiomática do quinteto Fail Better! ou a abordagem mediterrânica do trio que lidera), aos dispositivos eletrónicos de Jari Marjamaki, músico e DJ finlandês com residência de há largos anos em Lisboa, *Alternate Translations*, composto inteiramente por gravações de concertos deste duo, é um objeto de quase-perfeição rare-

feita, prenhe de uma noção de espaço e movimento notáveis, inspirador de uma dança quieta e fortemente melancólica.

A paleta sonora e construção rítmicas de Marjamaki revelam um labor e um cuidado que, curiosamente, tanto evoca as explorações orientadas para o cosmos de Jeff Mills como traz de volta à terra a luminosidade esconsa do notável trabalho do norte-americano Mark Nelson (quer nos Labradford quer nos sucessores Pan-American), enquanto o sopro de Luís Vicente empresta a esta música uma dimensão profundamente humana, lírica, que a espaços evoca vozes lendárias como as de Jon Hassell, Bill Dixon ou mesmo Don Cherry. Trata-se, reforçamos, de alguma da mais bela e inclassificável música da atualidade.

www.facebook.com/vicentemarjamaki

Nova Orquestra Futurista do Porto

Televisor, consola de jogos atari, 'circuit bending', 'laptops' acústicos, motores de aquário, 'hydrophones', motores elétricos, sensores, cones de papel e objetos diversos Angelica Salvi, Maria Mónica, Sara Gomes, Henrique Fernandes, Gustavo Costa, João Ricardo, Filipe Silva, Miguel Pipa, Luís Bittencourt, Rodrigo Cardoso, Alberto Lopes

Numa altura em que a importância e o carácter visionário da obra de Luigi Russolo parecem vir a ser devidamente recuperadas e celebradas, a Nova Orquestra Futurista do Porto, projeto do Srosh Ensemble, constitui uma valiosa contribuição para o entendimento das deslumbrantes potencialidades abertas pelo "Intonarumori", instrumento

emblemático (entre muitos outros) do trabalho do futurista italiano tido por muitos como o precursor do que viria a chamar-se *noise music*.

Agregando um grupo absolutamente notável de alguns dos mais interessantes exploradores sonoros e improvisadores da segunda cidade do país (como Gustavo Costa, Angelica Salvi ou Filipe Silva, entre outros), a NOFP coloca a uso uma série de instrumentos não convencionais, como motores, consolas de jogos, televisores, rádios ou *laptops* acústicos, procurando uma releitura atual da “Art of Noises” preconizada por Russolo num manifesto já centenário. O objeto estético que resulta deste trabalho, sendo marcado necessariamente por uma componente de imprevisibilidade e aleatoriedade, coordenadas fundamentais da visão que se preconiza e aqui se adapta, ressoa de uma forma admiravelmente orgânica, natural, numa paisagem sonora inescapavelmente humana, mesmo que traduzindo a aspiração contraditória de um domí-

nio absoluto e de uma ultrapassagem da natureza por via da tecnologia. freemusicarchive.org/music/NOFP_Nova_Orquestra_Futurista_do_Porto

Sábado, 21 de fevereiro
Pequeno Auditório
Duração: 1h45 com intervalo



Coclea

Trompeta, eletrónicas Yaw Tembé **Teclas** Shella
Monophonic Bass synth, voz, eletrónicas Alex Klimovitsky
Guitarra elétrica, eletrónicas Guilherme Gonçalves

Primeiro encontro ao vivo de quatro músicos de rara sensibilidade, todos figuras marcantes dos mais recentes rumos da comunidade criativa de Lisboa, numa reunião que assinala o lançamento, pela Shhpuma, do novo trabalho, homónimo, de Coclea.

Guilherme Gonçalves integrou, até há poucos meses, os excelentes Gala Drop, figuras maiores saídas da convulsão criativa da primeira década do século no país, e tem vindo, paralelamente, a dar vida a Coclea, pseudónimo que utiliza

para descorporizar a guitarra rumo a explorações que, entre o *drone* e o processamento tecnológico, trilharam caminhos celestiais no que têm de apontado à reverência pelo espaço – o sideral, o incorpóreo, o entre-as-notas.

No decurso do álbum prefigurado neste espetáculo, sente-se certa herança, em algumas das melodias de guitarra, dos *blues* africanizados de pulsar plácido e contemplativo reminiscentes do seu trabalho em Gala Drop, e sobretudo uma transpiração serena de referências marcantes como as dos lendários Manuel Gottsching ou Edgar Froese, no que às possibilidades estáticas e de instauração cénica do processamento da guitarra, à repetição e à poesia diz respeito.

Em palco, com Guilherme Gonçalves, e em serena caminhada de observação estelar, teremos Yaw Tembé, escultor, poeta, e artista de rua originário da Suazilândia, multi-instrumentista mas principalmente trompetista, e dos mais ativos improvisadores do momento; João “Shella”, membro dos marcantes Paus, nas teclas; e o norte-americano Alex Klimovitsky, dinamo do duo Youthless, na voz, sintetizadores e eletrónicas várias.

www.facebook.com/cocleapeace

Lula Pena

Guitarra, voz Lula Pena

Das suas composições já a própria Lula Pena disse serem colagens de memórias, quer individuais quer coletivas. Se esse carácter pode ser identificado nos temas

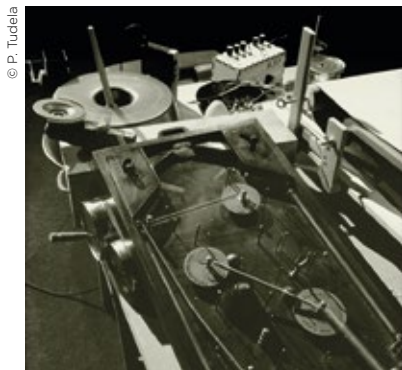


© Cláudia Varejão

em que mais facilmente reconhecemos esta autora absolutamente única, fado transviado em declinações incertas e em solenidade de verdadeira realza, de espírito único num caminho desconhecido de todos e da própria, mais ainda o podemos entender no espetáculo raro que apresentamos no festival.

Em resposta ao convite do RESCALDO, Lula Pena apresentará uma proposta diferente do seu concerto habitual com repertório de canção; se a matéria-prima a utilizar, informe, é *a priori* incaracterizável e intranmissível, o percurso auditivo que testemunharemos será construído a partir de colagens de múltiplas fontes sonoras, dando vida a um arquivo que a inclassificável autora tem vindo a construir, num trabalho raramente tornado público e que na última dessas especiais ocasiões, no Museu Nacional Soares dos Reis, se centrou à volta da sonorização do documentário *À propos de Nice*, do fundacional realizador Jean Vigo.

Sempre uma surpresa, uma ritual de descoberta, uma iniciação, uma ocasião



© P. Tudela

única, oportunidade de testemunhar o desenrolar de um mistério. Assim é Lula Pena.

lulapena.bandcamp.com
vimeo.com/lulapena

Quinta, 26 de fevereiro
Galeria Zé dos Bois
Duração: 1h45 com intervalo



Gesso

Percussão Ruben Sequeira **Viola baixo** Flávio SA
Viola Joel Figueiredo

Filiados numa já quase instituída tradição de rudeza psicadélica de volume incontrolável que vem grassando há vários anos no norte do país, e já habitualmente representada no RESCALDO, os Gesso, *power-trio* de Santo Tirso, vêm a Lisboa trazendo na manga um álbum de estreia, *Howling Grace*, que se constitui como um compêndio de des-

regramento rock tal como visto desde o início do milénio.

Os Gesso assumem, sem grandes rodeios, uma multiplicidade de heranças que, muito para além da mais esperada atenção aos fundadores anos setenta do passado século, visita um certo percurso subterrâneo mas contínuo do psicadelismo de ambos os lados do Atlântico, que simultaneamente nos remete para as ambições xamanistas de uns Doors e para o libertinismo multifacetado de uns Hawkwind primordiais, num manto de *fuzz* que observa de perto a cartilha contemporânea de uns desregrados Comets on Fire ou de uns mais arrumados Dead Meadow.

Caso particular de um *power-trio* que extravasa, em muito, a receita mais direta que habitualmente associamos a esse formato, quer em termos de dinâmica quer de paleta sonora, temos oportunidade para neste concerto conferir uma das maiores promessas nos quadrantes nacionais que, de uma forma ou outra, se movem nos elásticos limites do rock.

www.facebook.com/gessoficial

Caveira

Guitarra Pedro Gomes **Guitarra** Manuel Mota
Bateria Gabriel Ferrandini

Surgiram com estertor, em 2005, em plena revitalização da criatividade de uma Lisboa que, desde então, não tem parado de dar frutos no cruzamento das energias do jazz, do rock e do *noise*. Concertos e discos míticos de transe e apoteose continuada, ou, como dito na

altura, final perpétuo de um concerto rock, fizeram dos Caveira nome para recordar e acompanhar sempre que intensidade e guitarras se juntam numa mesma conversa.

Após uma redução do trio original para uma breve existência enquanto duo, com Pedro Gomes na guitarra e Joaquim Albergaria na bateria, indicando uma mudança de rumo e uma tendência para aprofundar a inclassificabilidade desta música, foi preciso esperar até 2013 para um ressurgimento que tem vindo a provar, em aparições muito pontuais, que o mistério da construção, o tumulto da sobreposição e um refinar do diálogo entre músicos continuarão a levar os Caveira por trilhos e texturas únicas.

Ao lado do original Pedro Gomes, a instrumentação original da banda é reposta pela guitarra de Manuel Mota e pela bateria do omnipresente e multifacetado Gabriel Ferrandini, num trio que cruza a improvisação e o jazz mais livre com os assaltos atonais e informes responsáveis por algum do mais vital

barulho nipónico do final do século XX (Fushitsusha, Anatarash ou Ruins são referências incontornáveis). Um regresso a não perder.

Sexta, 27 de fevereiro
Pequeno Auditório
Duração: 1h45 com intervalo



Con Con + Joana Guerra

Sintetizadores Jorge Nunes **Violoncelo** Joana Guerra **Imagem** Mariana Marques

O projeto Con Con é, por entre uma vasta e por vezes incipiente “moda” de complementar com imagem músicas que têm, elas próprias, um forte carácter imagético, um dos raros *ensembles* a utilizar, em igual destaque, ambas as linguagens.

Os Con Con, nome utilizado para designar “peixe voador” em São Tomé e Príncipe, país no qual o projeto surge no contexto de uma residência artística, são a interação entre o som gerado por uma parafernália de sintetizadores e outros objetos analógicos, da



responsabilidade de Jorge Nunes, e a manipulação constante de pigmentos, objetos, e das próprias ondas sonoras em projeções da artista plástica Mariana Marques.

No RESCALDO promoveremos uma colaboração recente, com a violoncelista e cantora Joana Guerra, artista que, apesar da formação clássica, tem vindo a trilhar caminhos que a levam, a solo, a registos que unem sensibilidades *folk* e pop com características experimentais, e, em múltiplas colaborações com várias figuras da música improvisada sobretudo, mas não exclusivamente, lisboeta, a várias formas de criação não-idiomática e de difícil catalogação. A colaboração com os Con Con insere-se nesta última linhagem, num caminho de abstração coletiva, sinestética, que assinala também a presença no festival de três figuras associadas a um dos mais dinâmicos e dinamizadores coletivos lisboetas, a Associação Terapêutica do Ruído.

concon-isto.tumblr.com
joanaguerra.bandcamp.com

La La La Ressonance

Baixo elétrico, percussão André Simão **Bateria** Jorge Aristides **Guitarra elétrica** Ricardo Cibrão
Saxofone alto e soprano, teclas Paulo Araújo
Eletrónica e teclas Luís Fernandes

Surgidos das cinzas dos The Astonishing Urbana Fall, uma das mais marcantes e celebradas formações de verdadeira vanguarda da década de 90, os La La La Ressonance retomaram, em 2005, e com a sua formação inalterada,



um trabalho que se revelara demasiado valioso para não ter continuidade.

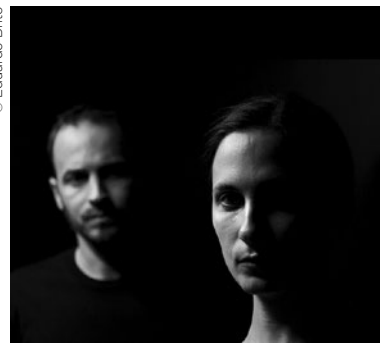
Palisade, lançado em 2006 pela saudosa editora Borland, deu o mote para a continuidade de uma liberdade formal e um desprendimento de géneros que com facilidade cruzou referências jazzísticas, eletrónicas e do chamado pós-rock num todo instrumental de rara coerência, pertinência e visão traduzidas em arranjos e interpretações sem mácula.

Desde então, os La La La Ressonance têm vindo a aprofundar quer a intensa relação da sua música com as imagens em movimento, construindo espetáculos e discos para obras cinematográficas de Len Lye, Osamu Tesuka, Georges Méliés e FM Murnau (cujo *Faust* inspira o seu 3.º álbum, de 2012), quer a sua propensão para colaborações relativamente improváveis, como no caso do ensemble de saxofones Quad Quartet, no seu 2º disco, ou, mais recentemente, com os conterrâneos Black Bombaim no álbum sem título lançado já em 2014 pela PAD. Este último caso serve ainda de mais uma prova, se tal fosse

necessário, da excelência e diversidade da música atualmente feita em Barcelos, cada vez mais polo criativo incontornável da contemporaneidade nacional.
www.lalalaressonance.com
www.facebook.com/lalalaressonance

Sábado, 28 de fevereiro
Pequeno Auditório
Duração: 2h

© Eduardo Brito



Joana Gama + Luís Fernandes

Piano Joana Gama **Eletrónicas** Luís Fernandes

Quest, álbum deste duo bracarense lançado recentemente pela Shhpuma, constitui sem sombra de dúvida dos mais fascinantes, intrigantes e belos pedaços de música do ano que passou, fruto de uma colaboração com génese em “100 Cage”, conjunto de trabalhos de vários autores apresentados em 2012 pelo Teatro Maria Matos, no assinalar do centésimo aniversário de John Cage, que serviu para um curioso primeiro encontro entre dois músicos

que, partilhando a mesma cidade, se desconheciam.

Joana Gama, pianista e investigadora de formação clássica, e Luís Fernandes, músico integrante de formações como os Peixe:Avião e nome por trás do projeto The Astroboy, exploram, em *Quest*, possibilidades cuja abertura pode remontar, precisamente, à relação de Cage com o piano enquanto motor de matiz clássica aberto a intervenções, modificações, processamentos e interrogações de carácter e de identidade; unindo a erudição da linguagem contemporânea da pianista com a predileção por dispositivos eletrónicos analógicos do multifacetado músico, o duo concretiza movimentos prenes de texturas, de diálogos subentendidos, percursos nos quais o piano é simultaneamente condutor e passageiro, numa música onírica, como que fazendo uso da mais rica paleta de cinzentos que se possa imaginar, e que lembra, curiosamente, o trabalho conjunto de duas outras luminárias incontornáveis do ambientalismo, Harold Budd e Brian Eno.

www.joanagama.com
www.luiscfernandes.com

Cafeteria da Culturgest

Sumbu Dunia

Samples Rui Nogueiro

Para além de baixista dos excelentes e intensos Sunflare, Rui Nogueiro é, acima de tudo, um melómano puro, constantemente mergulhando numa procura

intensa de “tesouros” discográficos, edições esquecidas e sonoridades de alteridade pura.

Depois de anos promissores trabalhando sob o alias Lace Bows, fazendo do baixo elétrico e dos seus múltiplos processamentos um veículo de grande riqueza cromática, de ambientalismo transversal movido a desejos de ascensão beatífica, dá, a partir de 2014, primazia a um novo rumo de trabalho enquanto SUMBU DUNIA, nome de origem não especificada mas cujas ressonâncias “étnicas” traem e explanam com clareza um propósito de genética global, materializando essas suas procuras e inquições pelos mundos dos discos perdidos numa fusão de Oriente e Ocidente, de eletrônica e de acústica, numa colagem sonora de tantos e tão diversos focos culturais que tem, obviamente, uma faceta antropológica, ainda que poetizada e eminentemente estética, como farol.

O concerto que apresentaremos assentará numa inédita base sonora vinda da utilização de samples Jaipongan (um subgênero de dança popular Indonésia com ligações à música para Gamelão), uma escolha natural para um projeto de natureza



profundamente pessoal que ressoa pela paradoxal universalidade da matéria-prima e respeito pela memória primordial do som enquanto organização humana.

sumbudunia.bandcamp.com/album/unmankind

Pequeno Auditório



© Henrique Regelo

Estilhaços

Voz Adolfo Luxúria Canibal Piano e programação António Rafael Contrabaixo Henrique Fernandes Guitarra Jorge Coelho

Estilhaços Cinemáticos é o mais recente trabalho de um projeto que junta às palavras ditas de Adolfo Luxúria Canibal o piano e programações de António Rafael, o contrabaixo de Henrique Fernandes e a guitarra de Jorge Coelho.

Uma década após a primeira aparição pública, à altura em formato duo e como veículo para a leitura musicada de textos e poemas do carismático líder dos Mão Morta, o coletivo Estilhaços chega ao RESCALDO após uma evolu-

ção assinalável que, desde a entrada de Henrique Fernandes e Jorge Coelho os levou a criar um percurso que visitou também reportório de Mário Cesariny.

Mais recentemente, e respondendo a um convite da associação Ao Norte, o coletivo empreendeu um caminho criativo complexo, circular e disruptivo: a partir das ilustrações dos oito livros da coleção *Os Filmes da Minha Vida*, matéria-prima de tal diversidade que abarca desde *Fitzcarraldo* de Werner Herzog, a *Vertigo* de Alfred Hitchcock ou a *Dead Man* de Jim Jarmusch, Adolfo Luxúria Canibal escreveu novos textos, partindo irremediavelmente em novas direções que obliteram a fundação temática dos filmes na origem dos livros, e entregando aos três músicos a responsabilidade de, a partir destes, criar novas composições. Dos alicerces cinemáticos na origem destes estilhaços o coletivo constrói edifícios inéditos, flutuantes e livres, palavra e som numa relação íntima e corporizante.

www.facebook.com/estilhacosoficial

Próximo espetáculo

projeto continuado (2015)

de João dos Santos Martins

Dança Sex 27, sáb 28 de fevereiro
Palco do Grande Auditório · 21h30
Duração prevista: 1h30 · M12



A. Einstein: “Estou impressionado, mas não percebi nada.”
Mary Wigman: “Se me explicares a tua Teoria da Relatividade, eu explico-te a minha dança.” (1932)

Próximo espetáculo de música

Joel Silva

Geyser

Ciclo “Jazz +351”

Comissário: Pedro Costa

Jazz Qui 5 de março
Pequeno Auditório · 21h30 · Dur. 1h · M6



“Um dos grandes discos jazz editados em Portugal.”
Nuno Catarino, *Ípsilon*, crítica 4 estrelas ao álbum *Geyser*, 30.01.15

Mais informações em www.culturgest.pt

Conselho de Administração

Presidente

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Estagiários:

Mariana Frazão

Pedro Escada

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 - Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt - www.culturgest.pt